

CORRIDA DE AVENTURA: UMA AÇÃO DE EXTENSÃO NA GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO-PE

ADVENTURE RACE: AN OUTREACH UNIVERSITY ACTION OF THE UNDERGRADUATE COURSE OF PHYSICAL EDUCATION AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF VALE DO SÃO FRANCISCO – PE

PE - BRASIL

*Marcelo de Maio Nascimento***Fernando Alcantara Vieira de Moura***

RESUMO

Atualmente, as relações entre o homem e a natureza se apresentam abaladas. Isso denota a importância do investimento em atividades que promovam a consciência ambiental e o comportamento sustentável nas pessoas. Um caminho para isso consiste na prática de modalidades esportivas ao ar livre. Assim, considerando que o interesse da população por atividades junto à natureza vem crescendo e que professores de Educação Física estão investindo nessas práticas, é necessário que esses profissionais recebam durante sua formação acadêmica informações qualificadas sobre a prática do esporte junto à natureza, de forma sustentável. O presente artigo tem por fim apresentar uma ação de extensão com foco na corrida de aventura (CA), desenvolvida na região do Salitri, município de Juazeiro-BA, organizada pelos alunos da disciplina de Esporte e Gestão Ambiental (EGA) do curso de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Palavras-chave: corrida de aventura; formação acadêmica; educação física; extensão universitária.

ABSTRACT

Nowadays the relationship between man and nature is unstable. This demonstrates the importance of investing in activities that promote environmental awareness and sustainable behavior. One way of doing this is to practice outdoor sports. Thus, considering that the interest of the population for outdoor activities is increasing and Physical Education professionals are investing in these practices, it is necessary that they receive during their academic education accurate information about the practice of outdoor sports in a sustainable way. This article aims to present an outreach university action that focused on adventure racing (AR) developed in the Salitri region, municipality of Juazeiro-BA, organized by students

* Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), PE – Brasil. E-mail: marcelo.nascimento@univasf.edu.br

** Aluno de graduação da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), PE – Brasil. Email: fernando_moura1974@yahoo.com.br

of the discipline of Sport and Environmental Management (SEM) in the Physical Education undergraduate course at the Federal University of Vale do São Francisco (UNIVASF, in the Portuguese acronym).

Keywords: adventure race; academic education; physical education; outreach university projects.

Introdução

Vivemos em um momento de transições e desestabilizações, em especial, no que diz respeito ao meio ambiente. O interessante nesse contexto é que o responsável por este desequilíbrio é o próprio homem, visto que muitas dessas transformações sobrevêm do seu baixo ou inexistente nível de consciência ambiental e hábitos agressivos aos ambientes naturais. O caso é histórico, pois o posicionamento humano frente à natureza sobrevém, em muito, de sua visão antropocêntrica. (MARTINS; SOUZA, 2016). Diante disso, evidencia-se a visão do homem sobre a natureza como provedora de bens de consumo.

Assim, na tentativa de amenizar ou regular as degradações que a natureza vem sofrendo, buscase, por meio da lei, em encontros e conferências regionais e internacionais, enfatizar a necessidade de proteção dos recursos naturais que ainda hoje existem, buscando dessa forma garanti-los às gerações futuras. Paralelo a isso, há o investimento em procedimentos educativos, os quais têm por intenção informar e sensibilizar indivíduos de diferentes faixas etárias sobre a seriedade da questão ambiental que enfrentamos. Essas medidas buscam desenvolver a visão biocêntrica entre as pessoas, a qual exalta o valor e as belezas dos ambientes naturais. (MENEGUZO; CHAICOUSKI; MENEGUZO, 2009).

Entre as medidas de cunho educativo, há a Educação Ambiental (EA). Essa educação incide em um conjunto de medidas de caráter prático e teórico (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013) que investe na conscientização de indivíduos de diferentes faixas etárias, salientando suas condições de cidadãos. Portanto, são pessoas que fazem parte de um coletivo, detentoras do direito de usufruto do meio ambiente, todavia equilibrado e saudável. (ROOS; BECKER, 2012). EA também deixa claro que o sucesso da ação só será atingido mediante o engajamento intencional de cada pessoa junto à questão.

Os procedimentos da EA abrangem diferentes mecanismos. Dentre eles há a divulgação de informações pelos meios de comunicação, como a internet, redes sociais, televisão, rádio e jornais. Outra medida incide na atuação direta nas redes do Ensino Fundamental e Médio, assim como no Ensino Superior. (CONSTANTINO; SANTOS, 2013). No caso dos cursos de graduação, foco deste estudo, a EA direciona suas ações não apenas aos alunos de cursos específicos da área ambiental, mas também a todas as demais áreas do conhecimento humano, pois esses acadêmicos atuarão, em breve, junto aos diferentes segmentos da sociedade. Nessa perspectiva, os discentes são vistos como divulgadores de hábitos e atitudes ambientalmente sustentáveis. Entre os acadêmicos, encontram-se os alunos de Educação Física, os quais desenvolvem, em suas práticas diárias, atividades em áreas fechadas (*indoor*) e ao ar livre (*outdoor*).

A aproximação do professor de Educação Física com a natureza vem crescendo ao longo dos últimos anos. Muito disso se deve à evolução das modalidades de esporte de aventura e radical. A divulgação dessas práticas pelos meios de comunicação tem proporcionado um aumento substancial do número de seus adeptos, a criação de eventos de competição e de lazer. Diante disso, as modalidades de esporte de aventura e radical também vêm refletindo sobre a economia a partir da venda de materiais esportivos, além de incentivar a indústria do turismo. (PIMENTEL, 2013). Nesse contexto, gradativamente, os cursos de Educação Física vêm incorporando em suas matrizes curriculares diferentes modalidades de esportes de aventura e radical. (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2010).

No entanto, já se percebeu que não basta apenas divulgar essas modalidades entre alunos e profissionais da área da Educação Física. (DOMINGUES; KUNZ; ARAUJO, 2011). Isso significa dizer

que essas pessoas necessitam de uma série de conhecimentos relativos aos ambientes naturais, antes do desenvolvimento de atividades junto à natureza, pois assim se atingirá, antecipadamente, a conscientização da pessoa sobre a importância de uma prática profissional sustentável, ou seja, em harmonia com a dinâmica dos ambientes naturais.

No parágrafo 4º, do art. 7º das Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação (BRASIL, 2004), está pautado o desenvolvimento de temas relacionados ao Meio Ambiente durante a formação do professor de Educação Física. Esse documento é amparado pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), consistindo em uma extensão de reflexões desenvolvidas em Fóruns e Agendas ambientais, nacionais e globais. Todavia, historicamente falando, são poucos os cursos de Educação Física que possibilitam ao discente vivenciar a natureza em uma perspectiva de proteção e conservação, ou seja, de forma sustentável.

De tal modo, os profissionais de Educação Física, muitas vezes, não se sentem habilitados para debater questões ambientais com seus alunos e tão pouco para conectar suas práticas corporais com o discurso ambientalista. Logo esses profissionais evitam trabalhar a questão, visto que desconhecem sua abordagem em sentido transversal ou interdisciplinar. (DOMINGUES; KUNZ; ARAUJO, 2011).

Nessa perspectiva, o presente artigo tem por fim apresentar os procedimentos de planejamento, organização, execução e avaliação de uma ação de extensão com foco na corrida de aventura. A ação foi promovida pelos alunos da disciplina de Esporte e Gestão Ambiental (EGA), presente na grade curricular do curso de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), situada na cidade de Petrolina-PE, região do sertão nordestino.

Esportes radicais e de aventura

Atualmente, encontra-se um grande número de modalidades de esportes radicais e de aventura. De acordo com Pereira, Armbrust e Ricardo (2010), esportes radicais são aqueles que priorizam o risco, enquanto que nos de aventura há o predomínio da superação de determinados desafios geográficos. O número de atividades é tão extenso que faz com que os termos sejam desconhecidos ou mesmo confusos para alguns. Essas atividades apresentam grandes atrativos para sua prática, visto que proporcionam diferentes emoções e/ou perigo controlado. Isso significa dizer que esportes de aventura e radical são excitantes, conduzem seus adeptos a situações extremas, onde há o limite, requerendo controle físico e emocional. No caso dos esportes de aventura, as provas exigem o saber técnico de cada pessoa, propiciando também a solidariedade.

Nesse contexto, essas modalidades são uma porta aberta para o contato com os elementos da natureza (água, sol, terra, vento, vegetação, animais), responsáveis por sensações distintas e, muitas vezes, desconhecidas de calor, frio, altura, cores, sons, cheiros, entre outros. Dessa forma, os praticantes de esportes radicais e de aventura desenvolvem tanto o prazer como a admiração pela natureza. Essas percepções são comuns durante a prática das seguintes modalidades: i) Terrestres: arborismo, *bicicross*, cavalgada, *caving*, *mountain bike*, enduro a pé e terrestre, *paintball*, *trekking*, arborismo, montanhismo, alpinismo, corrida de aventura; ii) Aquáticas: boia-cross, canoagem, caiaque, canoa, *jet-ski*, *kite-surf*, *windsurf*, *stand up paddle*, motonáutica, mergulho, *rafting*, pesca esportiva; iii)

Aéreas: asa delta, parapente, balonismo, paraquedismo, pêndulo, *ski-surf*, tirolesa, entre outros.

Corrida de aventura

A Corrida de Aventura (CA) foi criada no ano de 1980, na Nova Zelândia. Essa corrida se deu por meio de um evento multi esportivo, intitulado como “*Cost to Cost*”. Três anos mais tarde, nos Estados Unidos da América (EUA), foi realizada a segunda prova, contudo esta não obteve repercussão. Ao longo da década de 80, os eventos de CA foram crescendo em número, destacando-se em países como a Austrália e Nova Zelândia, chegando posteriormente à Europa. Com o passar dos anos, foram criadas as provas expedicionárias que eram formadas por equipes mistas, apresentando características mais complexas, tanto para os organizadores como para os atletas. Em 1995, investiu-se no *marketing* da CA. A ação contou com o apoio de um canal fechado de TV dos EUA. Esse evento foi denominado como “*Eco Challenge*”. A iniciativa surtiu bons resultados, uma vez que repercutiu mundialmente.

No Brasil, a primeira corrida foi organizada no ano de 1997, no estado da Paraíba-PB, sob o nome de “Expedição Mata Atlântica” (EMA). Assim, gradualmente, a CA começou a ser difundida no cenário nacional como um esporte. Sua aceitação e evolução determinou a criação de novas provas, como as de longa duração com seis ou mais dias. Um exemplo é o “*Brasil Wide*” e o “*Ecomotion*”. Essa segunda prova integra, hoje, uma das etapas do campeonato mundial de CA. O circuito apresenta alto grau de dificuldade, trazendo assim atletas de alto nível do mundo todo. No entanto, foi com a criação das federações estaduais e o apoio da Confederação Brasileira de Corrida de Aventura (CBCA) que se observou o aprimoramento estrutural e organizacional da CA, com a consequente padronização dos procedimentos das provas.

No nordeste há destaque para eventos organizados nos estados da Paraíba-PB, Sergipe-SE, Alagoas-AL, Ceará-CE e no Rio Grande do Norte-RN. Já na região do Médio São Francisco, local de realização deste estudo, mais precisamente nas cidades vizinhas de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, a CA teve seu início com atletas Juazeirenses, integrantes da equipe local intitulada como “*Insanos Adventure*”. Após residirem na cidade de Salvador, na década passada, e terem corrido por lá, os integrantes dos “*Insanos Adventure*” criaram, em 2010, o evento denominado “*Desafio dos Sertões*”. Em sua primeira edição, a prova teve a participação de apenas uma equipe regional. No ano de 2013, o *Desafio dos Sertões* sediou a competição final da edição do ano de 2012 do Campeonato Brasileiro de Corrida de Aventura (CBCA). A partir disso, nos anos seguintes, a CA cresceu consideravelmente na região do sertão, uma vez que novos atletas aderiram à iniciativa, além de se observar a criação de novas provas por novos organizadores, todos motivados pelo evento do *Desafio dos Sertões*.

Sendo assim, em um curto período de tempo, os eventos de Juazeiro-BA e Petrolina-PE demonstraram 100% de participação de atletas locais. Em 2015, as provas de CA, na região, chegaram a 100 inscritos. O rápido crescimento da CA no sertão tem também motivado atletas locais a competirem nos circuitos nacionais, divulgando, além-muros, tanto a cultura como o Bioma Caatinga para a prática da CA.

Características da prova de CA

A CA é um esporte muito mais complexo do que parece. Trata-se de um evento multi esportivo que envolve vários esportes em meio à natureza. De tal modo, ela sofre interferências diretas das peculiaridades geográficas e climáticas da região onde for sediada.

Geralmente, as provas são realizadas em equipes de quartetos mistos. Isso significa que pelo menos um dos integrantes deve ser do sexo oposto aos demais. Também existe a formação de duplas. Já nas provas dos circuitos de campeonatos mundiais, é permitida apenas a formação de quartetos mistos. Contudo em provas amadoras existem as categorias solo, trio, dupla mista, dupla feminina e a categoria família, algo muito interessante, considerando o aspecto do lazer. Isso demonstra a preocupação que os organizadores vêm apresentando para abranger públicos distintos.

Outro ponto interessante é que as provas de CA não possuem distâncias exatas, nem sequência fixa de modalidades, tão pouco determina quantas vezes cada modalidade deve se repetir ao longo do percurso. Tudo é definido com base nas condições oferecidas pela natureza onde o percurso é desenvolvido. Essa flexibilidade concede à comissão organizadora a possibilidade de que a prova se realize de forma criativa e atrativa, o que reduz os custos financeiros. As distâncias das provas podem variar, por exemplo, entre 25 Km a 1.000 Km. Nesse sentido, a duração pode ser entre 2 horas a 7 dias. No entanto, tudo isso é definido segundo as condições físicas dos atletas que se pretende atingir.

Outra particularidade da CA é a diversidade de modalidades que comumente são inseridas nas provas. Assim, pode haver o *trekking*, o *Mountain Bike*, o remo, a travessia a nado (realizado com colete salva vidas), o rapel e a orientação. Essa última é a única modalidade obrigatória, todas as demais podem ou não fazer parte de uma CA, não existindo limite de modalidades. De forma geral, quanto mais modalidades incluídas em uma prova, maior será o número de transições do percurso, logo mais dinâmico se torna o circuito. Outras modalidades que costumam aparecer nas provas de CA, dependendo do organizador do evento e aspectos da região/terreno, são ascensão, montanhismo, tirolesa, *bike run* e até mesmo a inclusão de patins.

De acordo com as regras da CA, os participantes de provas podem ter acesso para orientação apenas de um mapa e uma bússola, equipamentos permitidos e fornecidos aos participantes pela organização. O uso de GPS também é terminantemente proibido. Os atletas devem percorrer o caminho desenhado pelo organizador no mapa, passando obrigatoriamente por Pontos de Controle (PC's), em Áreas de Transição (AT's). Os PC's possuem identificação, normalmente numeradas, devendo ser encontrados de forma sequencial. A depender da comissão organizadora, os PC's poderão ser coletados de forma aleatória. Ademais, não é permitido o uso de mapas próprios, tão pouco receber o auxílio de pessoas externas. Prontamente, o princípio que rege a modalidade, durante todo o percurso, é a autossuficiência das equipes.

O debate ambientalista na graduação em Educação Física

À medida que as práticas corporais ao ar livre se intensificaram, o mercado de trabalho dos profissionais de Educação Física também se ampliou e diversificou. (ALMEIDA; DaCOSTA, 2007). Diante disso, no meio acadêmico, reflexões foram apresentadas sobre a capacidade de envolvimento e/ou envergadura do professor de Educação Física para

associar temáticas do meio ambiente em suas práticas diárias. (DOMINGUES; KUNZ; ARAUJO, 2011). Paralelamente a isso, surgiram questionamentos se os cursos de formação da área são capazes de habilitar os futuros professores de Educação Física para o desenvolvimento de atividades junto à natureza de forma sustentável. (RODRIGUES, 2012; ROSA; CARVALHINHO, 2012).

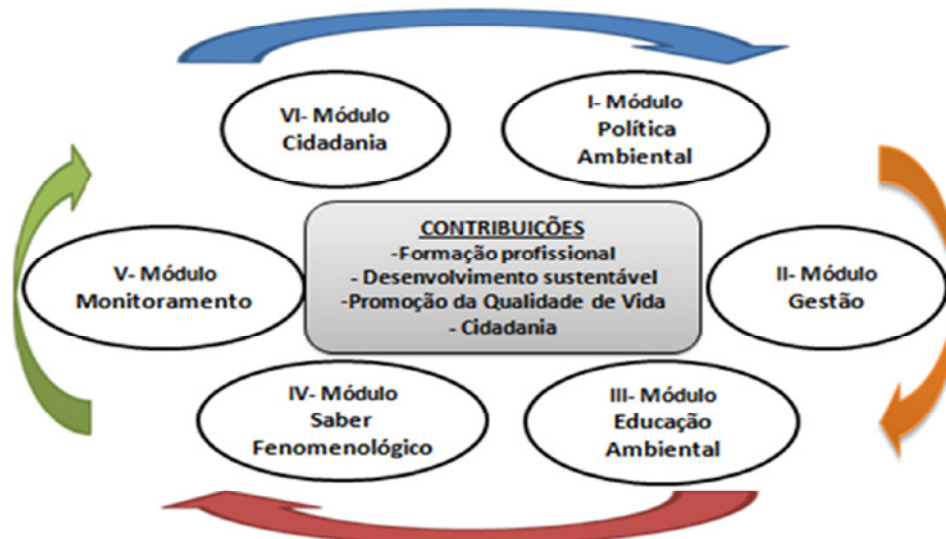
De acordo com Domingues, Kunz e Araujo (2011), professores de Educação Física desconhecem a questão ambiental. Além do mais, não se sentem aptos para agregar o tema em suas atividades cotidianas. E mesmo que a abordagem da questão se encontre pautada nas matrizes curriculares dos cursos, há carência de informações sobre as diferentes abordagens. Todo esse contexto determina o baixo envolvimento de discentes e professores de Educação Física em temáticas que abordem a questão ambiental.

Partindo dessa premissa, o curso de Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), localizada na cidade de Petrolina-PE, oferece a seus discentes a disciplina intitulada como Esporte e Gestão Ambiental-EGA. Mediante suas ações, a EGA fortalece a missão institucional da UNIVASF, a qual tem por fim, na região do semiárido nordestino, a promoção do ensino superior, da pesquisa em diferentes áreas do conhecimento, bem como o diálogo com a sociedade local por meio de atividades de extensão. A EGA é uma disciplina optativa (60 horas) que trata das aproximações e dos conflitos do esporte e do lazer com o meio ambiente. Dessa forma, a disciplina vem contribuindo, desde o ano de 2012, para o desenvolvimento da consciência ambiental de alunos e cidadãos locais, a partir do estudo da gestão esportiva (planejamento, execução e avaliação).

A disciplina de EGA também desenvolve ações com o GEPELMA/CNPq (Grupo de Estudos em Esporte, Lazer e Meio Ambiente), o qual recebe suporte científico e tecnológico do Instituto para o Esporte ao Ar livre (INÖK), da Escola Superior de Esportes da cidade de Colônia/Alemanha (die *Deutsche Sporthochschule Köln*).

Em sentido metodológico, a disciplina busca a criação de espaços para que o discente de Educação Física amplie sua capacidade de percepção sobre o ambiente em que vive. (ESPÍDOLA, 2011). Outra preocupação é de que o aluno reconheça a importância de assumir diariamente hábitos e atitudes sustentáveis, um procedimento inciso nos princípios da educação ambiental. Além disso, que os alunos de Educação Física dividam seus conhecimentos com a população residente nos municípios de Petrolina-PE e Juazeiro-BA.

A figura 1 apresenta a estrutura dos conteúdos da disciplina, composta por seis módulos:



Fonte: Nascimento; Türk (2015).

Desenvolvimento da ação de extensão da disciplina de EGA

Durante as atividades do primeiro semestre do ano de 2016, a disciplina de EGA promoveu uma atividade de Corrida de Aventura. A ação foi realizada na região de Alfavaca, próximo ao Rio Salitri, localizado na zona rural do município de Juazeiro-BA, cidade vizinha a Petrolina-PE. A ação extensionista foi organizada por 25 alunos sob a orientação do professor da disciplina. As atividades também contaram com o auxílio técnico de um praticante regular da CA, com larga experiência, tanto na condição de atleta como de organizador de provas, o qual foi aluno da disciplina EGA, neste semestre. Por se tratar de uma atividade de extensão, o evento foi aberto ao público. A atividade teve como objetivo: i) possibilitar aos alunos colocar em prática diferentes conhecimentos trabalhados em sala de aula; e ii) fomentar o contato entre a universidade e a comunidade local, levando o saber acadêmico além muros.

Planejamento da ação de extensão

Três encontros da disciplina de EGA (12 horas) foram dedicados ao planejamento e organização da prova esportiva. Inicialmente, foram introduzidos conceitos básicos de navegação: pontos cardeais, declinação magnética, escalas cartográficas, curvas de nível, utilização de referências, princípios da utilização da bússola, além de conhecimentos técnicos sobre a CA. Com isso, oportunizou-se aos alunos o ganho de conhecimentos mínimos que são necessários à organização e participação na prova de CA (Figura 2):

Figura 2- Instrução dos discentes da disciplina de EGA, princípios de orientação e navegação, Petrolina-PE, 2016.



Fonte: Autores

O passo seguinte consistiu no levantamento de recursos materiais necessários à realização do evento esportivo (Quadro 1):

Quadro 1- Materiais utilizados para montagem do evento de CA, Juazeiro-BA, 2016.

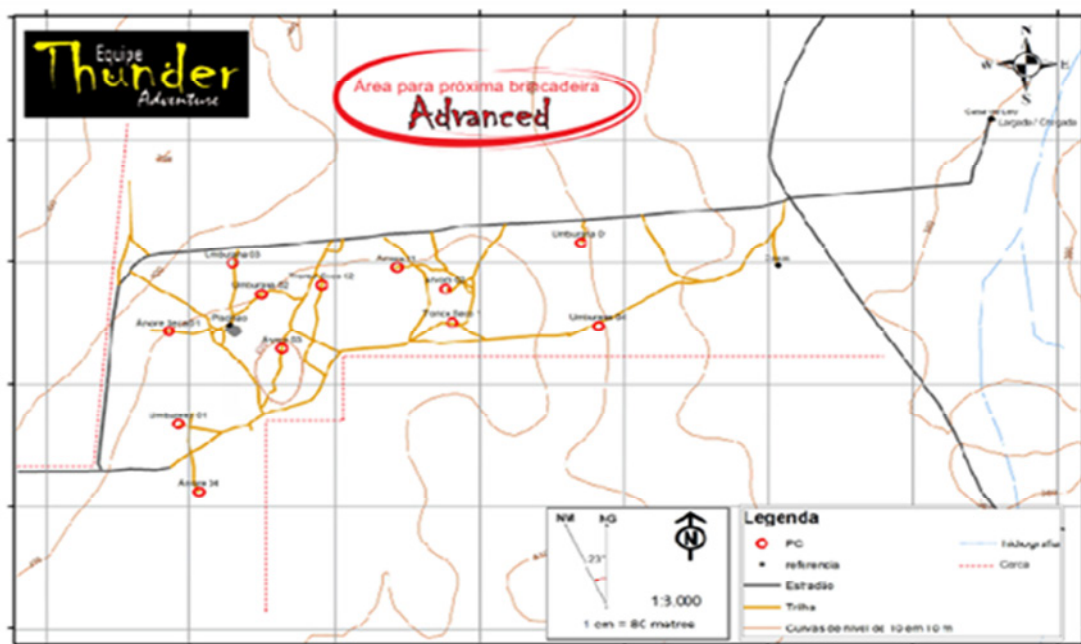
Quantidade	Material
01	GPS Garmim
01	Arame galvanizado
12	Placas de zinco de 15 X 10 cm
01	Fita zebrada - 200 metros
01	Caixa de som amplificada
01	Computador
01	Extensão elétrica
01	“Pen Drive 8 GB”
02	Mesas
04	Canetas
10	Mapas (preto e branco)
50	Mapas coloridos
04	Planilhas de apuração
02	Garrafas térmicas (1,5 e 5 litros)
01	Veículo motorizado – Cabine dupla
01	Kit de primeiros socorros.
06	Rádios comunicadores
01	Fita de “Slack Line”
02	Papel Higiênico
01	Sabonete
0,5	Sabão em pó
0,5	Detergente
01	Sabão em barra
01	Pano de chão
01	Espanja de limpeza
08	Garrações de 5 litros de água mineral
02	Kit de Socorro
30	Frutas e lanches

Fonte: Autores

Elaboração do percurso da Corrida de Aventura

A terceira etapa de preparação consistiu na montagem do trecho da prova. O local escolhido foi um sítio particular localizado na região de Alfavaca, próximo ao Rio Salitri, na zona rural do município de Juazeiro-BA. A medida ficou sob a responsabilidade do aluno da disciplina de EGA com experiência prévia na CA. Após a análise do terreno, foi concluído que a prova iria incluir duas diferentes técnicas e/ou modalidades: o *trekking* e a orientação. O percurso da pista foi delimitado em aproximadamente 6,5 Km, contudo os participantes poderiam optar por trechos mais ou menos extensos. Doze estações foram dispostas na área, essas deveriam ser localizadas pelas equipes (Figura 3). Como forma de controle, as equipes deveriam realizar um *self* em cada uma das estações, apresentando as fotos à equipe organizadora ao final da prova, junto ao local de partida/chegada. A equipe vencedora foi aquela que atingiu o maior número de estações em menor tempo.

Figura 3- Mapa do percurso da prova de CA, Juazeiro-BA, 2016.



Fonte: Autores

Realização da Corrida de Aventura

Todo o trajeto foi elaborado segundo medidas de segurança cabíveis em relação aos limites da pista, existindo sinalizações visíveis para que nenhuma equipe ultrapassasse as balizas do percurso (Figura 4). A característica do terreno foi de solo argiloso, com trechos contendo pedras soltas, o que dificultou o emprego da velocidade/corrida. Com isso, existiu o nivelamento entre as equipes em relação ao preparo físico. Assim, favoreceu-se o componente estratégico assinalado pela leitura do mapa, o uso da bússola, bem como o companheirismo e espírito de equipe.

Um fator que dificultou o desempenho das equipes durante a prova incidiu no desconhecimento dos participantes da vegetação local, que era fechada, própria da Caatinga¹, contendo também muitos espinhos. Sendo assim, prevaleceu o componente estratégico necessário para o cumprimento do percurso em curto tempo. Além disso, a prova contou com um agente adverso que foi a temperatura local, com médias entre 30°-34°C, clima típico da região do sertão nordestino. Diante disso, o início da prova foi marcado para às 8 horas, com tempo limite de duração estipulado em 3 horas. Ao final, todas as equipes atingiram as doze estações, completando a prova em até duas horas e meia, algo visto como excelente. Considerando que a grande maioria dos participantes não possuíam experiência anterior em provas de CA, foram criadas novas regras e procedimentos para essa prova que apesar de apresentar o formato de uma competição, manteve o caráter pedagógico da ação.

¹ Palavra de origem da língua Tupi que significa "mata branca": ka'a= mata e tinga= branca.

Figura 4- Marcação dos pontos de controle e características do Bioma Caatinga, Juazeiro-BA, 2016.



Fonte: Autores

Resultados

O evento totalizou 45 inscritos, o que foi considerado muito bom, pois além dos alunos matriculados na disciplina de EGA, outras 20 pessoas aderiram à ação. Paralelo a isso, pode-se dizer que por intermédio do “WhatsApp”, os participantes divulgavam, em tempo real, fotos e percepções para amigos e nos grupos. Após o encerramento das atividades, muitas fotos e vídeos também foram postados nas redes sociais, recebendo várias curtidas. Diante disso, admite-se que a ação atingiu um número incomensurável de pessoas.

Figura 5- Largada da prova de CA e percurso, Juazeiro-BA, 2016.



Fonte: Autores

De acordo com Inácio (2006), a natureza incide em mecanismo de ensino-aprendizagem de grande valor, visto que permite tanto ao educador como a seus educandos aliarem o saber teórico ao conhecimento prático, em tempo real. Assim, para os alunos da disciplina de EGA, a participação na prova de CA com membros da comunidade local serviu tanto como oportunidade para a troca de experiências, como à reflexão dos conteúdos desenvolvidos no Módulo I: aspectos históricos e evolutivos das políticas ambientais globais e nacionais; Módulo II: gestão ambiental para não gestores; Módulo III: Educação Ambiental; Módulo IV: o saber fenomenológico e no Módulo V: aspectos do monitoramento ambiental. Pode-se dizer que os conteúdos do sexto e último módulo da disciplina, a cidadania, foram atingidos ao longo de todo o semestre.

Figura 6- Ponto de controle e percurso da prova de CA, Juazeiro-BA, 2016.



Fonte: Autores

Procedimentos à avaliação das atividades

Após a ação, o grupo se reuniu por mais três semanas na universidade. O primeiro encontro foi dedicado à apresentação do material fotográfico, bem como a escuta dos relatos/percepções dos alunos sobre as atividades no Salitre. Foram observados resultados acima do esperado, uma vez que, após cinco dias, o grupo permanecia empolgado, demonstrando interesse de organizar, em breve, a segunda edição da corrida de aventura. O momento também foi reservado para o balanço geral da organização do evento, salientando-se pontos que poderiam ser aperfeiçoados nas próximas atividades da disciplina de EGA.

Ao final, os discentes de Educação Física perceberam que havia certo distanciamento da natureza, o que, por conseguinte, gerava baixo nível de interesse e engajamento em questões ambientais locais. Paralelo a isso, concordaram também que a atual situação do Rio São Francisco era drástica, visto que seu volume de água havia reduzido consideravelmente nos últimos meses. Quando questionados sobre os conteúdos dos Módulos I-VI, observou-se que, ao contrário do início das aulas, os discentes eram

capazes de conceituar e exemplificar bem melhor determinados conteúdos trabalhados nos seis módulos.

Por fim, considera-se que a ação na região do Salitri-BA possibilitou o despertar dos discentes de Educação Física para a importância da preservação dos recursos naturais locais. Sendo assim, os objetivos estabelecidos no âmbito do ensino e da extensão foram atingidos, em especial, a sensibilização de um grupo de cidadãos de Petrolina-PE e Juazeiro-BA para as demandas ambientais. Nesse contexto, acredita-se que tenha aumentado as chances do envolvimento futuro dos participantes da CA promovida pela disciplina de EGA/UNIVASF em demandas ambientais locais e/ou globais.

Considerações finais

As relações entre o homem e o meio ambiente necessitam ser fomentadas. De tal modo, há a premissa da criação de espaços e tecnologias que facilitem a aproximação entre ambos. Nessa perspectiva, o esporte e o lazer podem auxiliar no estreitamento do vínculo. Entretanto, isso deve ser regulamentado para que direitos e deveres sejam respeitados, garantindo às futuras gerações a possibilidade de desfrutarem a natureza, assim como os atuais habitantes do planeta fazem.

A Educação Física como área do conhecimento humano pode e deve participar dessa discussão. No entanto, é importante que coordenadores dos cursos de graduação em Educação Física, bem como de Pró-Reitorias e os próprios alunos cooperem à efetivação dessa ideia, pois como afirmou Freire (1996), o sucesso de procedimentos educativos se consolida nos níveis de relacionamento. Isso significa que ocorre a partir do diálogo entre professor, aluno e escola/universidade. Aliado ao fato, é importante enfatizar que a resolução de problemas ambientais depende de estratégias que viabilizem o desenvolvimento da sensibilização, da percepção e da conscientização, atributos fundamentais à participação do homem no processo. Segundo Unterbruner e Pfligersdorffer (1994, p. 21), em se tratando de temáticas do esporte e do meio ambiente: “Quem entende e não age, não compreendeu a questão”. Nessa perspectiva, entende-se que tanto o curso de Educação Física da UNIVASF, como a disciplina de EGA estão contribuindo para o desenvolvimento social-sustentável das cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.

Considera-se como limitação do presente estudo, o limitado número de pesquisas sobre a CA na região. Diante disso, espera-se que este artigo venha a estimular a criação de grupos de estudos na área do esporte e lazer com vínculo nas modalidades de esporte de aventura e radicais, no âmbito local, para que essas modalidades, bem como atletas e organizadores de eventos, recebam das políticas públicas locais de esporte e educação o apoio tão esperado.

Agradecimentos: A todos aqueles que contribuíram para a realização do evento na região do Salitri-BA, em especial aos proprietários da fazenda Alfavaca.

Referências

ALMEIDA, A. C. P. C.; DaCOSTA, L. **Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967– 2007**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 0058/2004, de 18 de fevereiro de 2004**. Diretrizes Curriculares para os cursos de graduação em Educação Física. MEC/CNE. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. 2. ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CONSTANTINO, M.; SANTOS, J. C. **Educação Ambiental e Sustentabilidade**. Nativa-Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso, v. 1, n. 2, 2013.

DOMINGUES, S.C.; KUNZ, E.; ARAUJO, L.C.G. DE. **Educação Ambiental e Educação Física: Possibilidades para a formação de professores**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 559-571, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892011000300003> Acesso em: 23 mai. 2014.

ESPÍDOLA, M. A *et al.* **Percepção Ambiental como subsídio para a formação do sujeito ecológica comunidade Loteamento Padre Henrique Várzea Recife-PE**. Cientec. Revista de Ciência, Tecnologia da Humanidade do IFPE- v. 3, n. 1, jul., 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 14 out., 2016.

INÁCIO, H. L. D. **Lazer, educação e meio ambiente: uma aventura em construção**. Revista Pensar a Prática, Goiânia, v. 9, n. 1, 45-63, jan./abr., 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br>> Acesso em: 05 out. 2016.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. **Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica**. Trab. educ. saúde, v. 11, n. 1, p. 53-71, 2013.

MARTINS, T. P; SOUZA, N. G. S. **A (re)conexão entre homem e “natureza”: natura ekos constituindo consumidores “sustentáveis”**. Revista de Educação Ambiental, v. 21, n. 1, p. 129-151, 2016.

MENEGUZO, I. S.; CHAICOUSKI, A.; MENEGUZO, P. M. **DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: desafios à sua implantação e a possibilidade de minimização dos problemas socioambientais**. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 22, p. 509-520, 2009.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. P. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, v. 12, n. 1, p. 18-34, 2010.

PIMENTEL, G.G.A. Esportes na Natureza e Atividades de Aventura: Uma terminologia aporética. *Revista Brasileira de Ciência Esporte*, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul/set, 2013.

RODRIGUES, C. **A ambientalização dos currículos de Educação Física no ensino superior.** In: Motriz, Rio Claro, v.18 n.3, p.557-570, jul./set, 2012.

ROSA, P.F.; CARVALHINHO, L.A.D. **A educação ambiental e o desporto na natureza: Uma reflexão crítica sobre os novos paradigmas da educação ambiental e o potencial do desporto como metodologia de ensino.** In: *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 259-280, jul/set, 2012.

ROOS, A.; BECKER, E. L. S. Educação ambiental e sustentabilidade. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 5, n. 5, p. 857-866, 2012.

UNTERBRUNER, U.; PFLINGERDORFFER, G. **Vom Wissen zum Handeln. Umweltverhalten ist nicht gleich Umweltverhalten.** In: Georg Pfligersdorffer & Ulrike Unterbruner (Orgs.). *Umwelterziehung auf dem Prüfstand* (p. 83-103). Innsbruck: Österreichischer Studien Verlag, 1994.



Artigo recebido em:
06/11/2016
Aceito para publicação em:
27/11/2016